

DA INSEPARABILIDADE ENTRE O ENSINO DA LINGUA E O ENSINO DA LITERATURA

FERNANDA IRENE FONSECA

Universidade do Porto

*"Los niños adquieren competencia literaria /.../ antes
que su competencia lingüística se haya conformado totalmente."*

(Graciela Reyes, Polifonía Textual)

"Língua" e "literatura" são termos que se associam de um modo quase automático, formando um sintagma sólido e coeso. Nomeadamente quando se fala de ensino.

(...)

Não se trata de ensinar língua *mais* literatura ou de ensinar língua e *depois* literatura, mas de ter consciência de que faz parte da competência do falante e está nela fundamente enraizada desde as fases mais precoces da aprendizagem linguística a capacidade de explorar as amplas virtualidades cognitivas e lúdico-catárticas de uma relação autotélica com a língua.

(...)

É sabido que nos modelos tradicionais do ensino da língua materna o texto literário tinha uma presença constante ou mesmo exclusiva. Erigido em exemplo, em objecto de veneração ou de admiração "por encomenda", era usado quer como modelo de boa linguagem, quer como veículo ideológico, quer como suporte temático e documental, quer como apoio do ensino da história literária, quer como matéria para exercícios de análise gramatical. Uma utilização abusiva e inespecífica que conferia ao texto literário uma presença promiscuamente sacralizada e banal.

(...) Os diálogos escritos da ficção literária eram (e, em parte, continuam a ser ...) objecto de análise a vários níveis - incluindo o nível pragmático, a análise das interacções verbais - como se se tratasse de diálogos orais reais.

Nenhum destes tipos de utilização resiste a um exame crítico mais aprofundado. Encarar o texto literário como modelo de uso ou de correcção gramatical é uma atitude que o empobrece pois deixa totalmente na sombra aquilo em que realmente reside, do ponto de vista da língua, a mais-valia da criação literária: *"/ ... / citar la literatura como ejemplo de lengua culta prestigiosa /.../es un error que surge de la creencia de que la literatura es la culminación del bien hablar de la comunidad. La literatura es mucho más que eso, desde una perspectiva lingüística: la literatura es un experimento que supone un bien hablar, lo consolida y lo pervierte para invarlo."* (Reyes, G., 1984: 193).

(...)O estatuto que é preciso reivindicar para o texto literário na aula de língua materna não implica repor a sua presença constante e indiscriminada. Muito mais do que *quantificar* essa presença, o que importa é *qualificá-la*, desligando a literatura do papel de exemplo e de objecto de veneração que tinha no ensino tradicional: à exemplaridade substitui-se a funcionalidade, à veneração a fruição, inseridas num tipo de abordagem do texto literário perspectivado a partir da teorização linguística que o encara como lugar da plenitude funcional da língua.

A uma relação predominantemente distante e estática substitui-se uma outra mais próxima e dinâmica. Encarada como um modelo de exploração e experimentação criativa das possibilidades da língua, a literatura expande a sua "exemplaridade" enquanto processo de produção e não apenas como produto acabado. Um processo de produção em que é trabalhada como "matéria-prima" a linguagem: "a obra literária /.../ é obra de linguagem, obra que não utiliza simplesmente a linguagem mas que constrói linguagem, desenvolve, realiza virtualidades já contidas na linguagem" (Coseriu, E.. 1993: 30). Nesta perspectiva, o estudo do texto literário

revela-se um meio privilegiado, no ensino da língua materna, de tomada de consciência da língua e do seu funcionamento porque proporciona a percepção dinâmica da plasticidade de recursos linguísticos que não são exclusivos da literatura. O uso literário não se institui, pois, como "desvio" em relação ao uso "corrente" mas antes como intensificação e exploração de um potencial comum.

A argumentação aduzida fundamenta também o meu fundo desacordo em relação a concepções didácticas mais recentes em que, num pólo radicalmente oposto ao ensino tradicional, se entende que deve ser reduzida a presença do texto literário na aula de língua materna para não prejudicar ou retardar a aquisição de uma competência comunicativa "básica".

Está subjacente a esta posição uma concepção inadequada (e ineludivelmente elitista) da literatura que acaba por ter muitos pontos de contacto, afinal, com a que presidia, no ensino tradicional, à "veneração" do texto literário.

Parte-se do princípio, erróneo, de que o desenvolvimento da competência do falante tem como patamar inicial indiscutível o domínio da linguagem dita "corrente" (ou "vulgar", ou "séria", nos termos de Austin e de Searle); designações algo equívocas que procuram englobar um conjunto de práticas discursivas que se opoiam dicotomicamente aos usos "desviantes" (ou "parasitários", "não-sérios", para os autores referidos), entre os quais avulta o uso literário. Sendo assim, a aquisição, pelo aluno, de um domínio do uso dito corrente é considerada como prévia e condicionante da possibilidade de aceder à recepção do texto literário.

Não creio que seja possível determinar onde se situa esse hipotético "nível limiar" de acesso ao texto literário: é que a gama múltipla de utilizações da linguagem (em que está incluído o uso literário) constitui um *continuum*, no interior do qual as diferenças se instituem como variações gradativas e não como fronteiras. A língua é um sistema finito com virtualidades de realização infinitas ou, por outras palavras, os falantes utilizam os recursos, materialmente limitados, que a língua põe ao seu dispor. O que difere é a extensão do domínio desses recursos e, sobretudo, o grau de consciência, de intencionalidade e de criatividade com que são usados. Num percurso faseado do ensino-aprendizagem da língua materna tem que ser visado esse aumento progressivo quer do domínio dos recursos linguístico-enunciativos, quer da tomada de consciência do funcionamento da língua, quer do grau de intencionalidade e criatividade na sua utilização. E o texto literário não só pode como *deve* estar presente *em todas as fases do percurso*. Relegá-lo para as fases mais avançadas é conceber de um modo deturpado e simplista (que verberei logo de início) a relação entre o ensino da língua e da literatura como uma relação de sucessividade, de acrescento: primeiro ensina-se a língua, depois a literatura.

À primeira vista, este preceito parece realista e o senso comum dos professores está predisposto a aceitá-lo. Mas uma reflexão minimamente aprofundada torna claro que se trata de um equívoco, ao lado do qual é possível fazer alinhar outros do mesmo género, como por exemplo: primeiro o simples, depois o complexo; primeiro a frase, depois o texto; primeiro o não marcado, depois o marcado; primeiro o sentido literal, depois o metafórico: primeiro o sistema linguística, depois a actualização discursiva; primeiro a realidade, depois a ficção, etc...

(...)A linguagem, na sua natureza de fenómeno humano tem características que a tornam rebelde a toda a espécie de simplificações ou esquematismos.

(...)É preciso superar, nomeadamente, a estreiteza de uma concepção da linguagem restrita à função comunicativa. A comunicação não é nem a única, nem a mais importante das funções da linguagem. Há muitos momentos da actividade verbal em que " / ... / se suspende o dispositivo quotidiano da comunicação" (Lopes, O.,

1986:23), em que a motivação de agir sobre uma situação concreta e presente é superada pela motivação cognitiva, pela urgência incessantemente renovada no discurso de exprimir integralmente o possível e o dizível da nossa experiência. À urgência de comunicar sobrepõe-se a urgência de configurar cognitivamente o mundo, de conseguir dar forma àquele "excesso referencial" que passa para além da relação linear e transparente que se pensa que existe (mas não existe) entre as palavras e os objectos, entre a linguagem e o mundo.

(...) Cabe ao professor de língua materna promover a activação intencional e o aprofundamento gradual dessas capacidades e motivações presentes desde a primeira infância, fazendo-as evoluir para formas de percepção e fruição mais elaboradas, nomeadamente no âmbito da recepção do texto literário. O desenvolvimento e exercitação dessas competências constitui um trabalho "subterrâneo" realizado pelo professor de língua materna no sentido de preparar o terreno em que poderá ganhar raízes profundas o conhecimento-fruição do texto literário. (...)

FONSECA, Fernanda Irene (2000): "Da inseparabilidade entre o ensino da língua e o ensino da literatura", *in* Carlos Reis *et al* (orgs.), *Didáctica da língua e da literatura*, vol. I. Coimbra: Almedina / ILLP Faculdade de Letras: 37-45.